**Percursos da sepse e choque séptico em um hospital do oeste catarinense: podemos fazer diferente?**

Matheus Gonçalves Cavassin¹, Gabriela Gonçalves de Oliveira¹

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul - Chapecó (SC), Brasil.

**Introdução:** A respeito da gravidade e da problemática multifatorial acerca da sepse, além de seu manejo heterogêneo, os profissionais de Enfermagem podem ter conhecimento variável sobre o assunto e relatar dificuldades, no que concerne por exemplo, à implementação de protocolos ou diretrizes de tratamento baseados em evidências.

**Objetivo:** Os objetivos deste estudo são: avaliar a conduta clínica, manejo, conhecimento profissional e análise dos casos de sepse e choque séptico em um centro de referência antes e após a pandemia pela COVID-19.

**Métodos:** Estudo transversal retrospectivo-prospectivo, com participação de profissionais atuantes em uma unidade de terapia intensiva em um hospital de grande porte do oeste de Santa Catarina (n=50); e revisão de 300 casos de pacientes acometidos com sepse, aprovado em comitê de ética, a partir de 2020.

**Resultados:** Dos pacientes avaliados até o momento (n=112), observou-se prevalência entre o sexo masculino (n=66), com média de 56 anos (DP = 5,0). Observou-se que 93% (n=104) são brancos, com atividade laboral majoritariamente ligada à agricultura, 33% (n=37). O choque séptico foi prevalente, correspondendo a 53,6% (n=60) dos casos, seguido por sepse (45,% - n=51), e 1 caso (0,9%- n=1) de sepse não especificada. De 158 focos infecciosos, os mais prevalentes foram, o pulmonar (43% - n=68), abdominal (21% - n=33), cutâneo (14,5% - n=23) e geniturinário (6,3% - n=10), *p*<0,05. Neste grupo populacional foram descritas 257 comorbidades, lideradas por hipertensão arterial sistêmica (19,1% - n=49), cardiopatias (13,6%, n=35), câncer (12,5% - n=32) e diabetes mellitus (11,7% - n=30), *p*<0,0001. Dos protocolos e parâmetros conhecidos utilizou-se o Score de Mottling em 4,4% dos pacientes (n=5) e nenhum em 95,6% dos avaliados (n=107), no período de 2023 a 2025. O óbito foi observado em 101 pacientes (90,18%).

**Conclusão:** Evidencia-se um cenário preocupante onde verifica-se a necessidade premente de institucionalização de protocolos clínicos e condutas assistenciais que uniformizem o atendimento profissional direcionado a um público que apresenta maior vulnerabilidade ao possível desfecho de óbito por sepse ou choque séptico.